

7 de dezembro de 2005
Paris em chamas

O título do presente ensaio, com certeza, seria uma grande e apelativa manchete em qualquer jornal do mundo, além de já ter sido o nome de memorável filme.

Por vários motivos, ressalte-se, sobretudo porque envolve a doce, terna, bela e legendária cidade de Paris, universidade internacional das lutas libertárias.

Foi assim em toda a sua história, e, inelutavelmente, vai continuar a sê-lo por toda a sua vida.

De logo - à memória fugidia dos homens - vale lembrar ter sido A Bastilha, em tempos idos e vividos, o símbolo dos ideais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Depois, a França madrugou, no cenário político, como a pátria dos direitos humanos.

Na década de sessenta, mais precisamente, em 1968, a revolta dos jovens sentenciou para o mundo que era "proibido proibir".

Sem dúvida, alfa e ômega na construção de uma nova ordem na liberdade de pensamento e de ação.

Agora, recentemente, Paris arde em chamas.

Pela primeira vez, acentue-se, o governo francês decretou estado de emergência, depois que o caos ali fincou pé.

Com muita propriedade, Débora Berlinck resenhou o quadro: "Jacques Chirac optou por usar mão-de-ferro para enfrentar um problema que se agravava há anos: o fosso entre uma França rica, majoritariamente branca, e outra pobre e miscigenada, produto da imigração".

A França, até nas crises, dá lição ao mundo.

No atual episódio, emerge o ensinamento, de que do diálogo nasce a luz.

Além disso, é cediço o princípio de que a globalização sepultou as fronteiras.

O mundo, faz algum tempo, já é uma só aldeia.

O que se passa em Sidney, na Austrália, mexe com o brasileiro de Uruburetama, no Ceará.

Sereno, pois, o entendimento de Oliver Roy, o islamista e diretor do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França, quando rememorou a saga dos seus conterrâneos: "Querem ser aceitos integralmente como cidadãos. Acreditaram no modelo francês (integração individual por meio da cidadania), mas sentem-se enganados por causa de sua exclusão social e econômica". Confio na consciência política dos líderes franceses, na inabalável convicção de que, mais dias, menos dias, tudo será com dantes, e Paris continuará uma festa.